

mentos, palavras e obras de um grande de Hespanha.

Eu tenho ouvido a alguns dos próceres da grande hespanhola queixarem-se amargamente da familia real, e dizerem da rainha e dos principes o que Mafoma não disse do toucinho. Pois na hora em que a senhora D. Isabel II os chamar e appellar para os seus serviços, farão em favor d'ella tudo quanto lhes determinar, seja ou não contrario ás leis, á constituição ou aos proprios interesses d'elles! Em Hespanha, os grandes que são empregados no paço, accitam com honra o nome colectivo de *servidumbre*! Este facto vale por um livro.

Aqui anda agora uma grande questão com o sr. Ferrer do Couto, distincto escriptor hespanhol, por causa do habito de Santiago, que lhe deu o governo portuguez. O sr. Ferrer do Couto mandou pôr na sobre-casaca a cruz de panno encarnado, que os cavalleiros hespanhoes de Santiago costumam usar. Agora o verás! A indignação foi geral. Cavalleiros de Santiago, grandes de Hespanha, nobres e até povo, todos gritaram contra a cruz de *trapo* do sr. Ferrer do Couto. Expediram-se ordens régias, foi o negocio perante o conselho de estado, e ha quatro annos que os cavalleiros de Santiago dormem mal, comem pouco e digerem com difficuldade, acabrunhados pela magoa de vêr a cruz de Santiago no peito de um homem que não pôde provar tres mil annos de nobresa pelo lado paterno, e dois mil e quinhentos pelo materno, como qualquer biscainho!

Ora o sr. Ferrer do Couto não desiste da sua cruz de *trapo*, como aqui se chama. Revolveu cartorios e archivos, procurou os estatutos primitivos, comparou-os com a legislação posterior, e determinou-se a persistir no uso da cruz. Diz elle que é um meio como qualquer outro de combater os preconceitos nobiliarios dos seus compatriotas.

O certo é que o negocio já foi tractado nos jornaes, e ahí escreveu o sr. Ferrer do Couto alguns artigos mui chistosos, a que não era facil responder.

Parece que os estatutos portuguezes exigem provas de nobreza como em Hespanha, porém acrescentam que, sendo a sabedoria e o merecimento proprio a maior de todas as nobrezas, as pessoas que tiverem estes dotes poderão entrar na ordem de Santiago. Ora a mim, que não tinha a nobreza hereditaria, diz o sr. Ferrer do Couto, admittiram-me em Portugal as provas da outra, e acharam que eram boas.

Em Hespanha, diz o mesmo escriptor, querem que valha mais a nobreza herdada do que a adquirida. Nem os meus compatriotas sabem o que querem. Por esta regra, o filho do Cid valia mais do que o pae, o neto mais do que o avô, o bisneto mais do que o bisavô e na decima sexta geração o descendente de Rodrigo Dias de Bivar valia por dezeseis Cids! Que tollice!

Jesus Christo, apezar da genealogia que vem no

Evangelho, não poderia fazer provas completas para entrar na Ordem de Santiago, e o proprio apostolo cujo nome deu titulo áquella milicia, pôde servir-lhe de padroeiro, mas não poderia entrar n'ella. Um pescador ser cavalleiro de Santiago! Absolutamente impossivel. Seja apostolo, e tudo o mais que quizer, excepto cavalleiro de si mesmo.

Um hespanhol, seja filho de grande de Hespanha de primeira classe ou tenha por pae o maioral da diligencia de Bayonna, pôde ser papa, cardeal, arcebispo de Toledo, presidente do conselho de ministros, capitão general, grande de Hespanha, duque mil vezes, e tudo quanto quizer, excepto cavalleiro de Santiago, de Montesa, de Calatrava ou de Alcantara, se não fôr filho do sol e neto da lua. Christovão Colombo não poderia entrar nas ordens militares mesmo depois de descobrir a America; o duque de Veraguas, seu descendente, esse sim, porque a nobreza é como a pedra que rola da montanha—*Vires acquirit eundo*.—O movimento augmenta-lhe a força.

Isto, e muitas outras cousas divertidas, diz o sr. Ferrer do Couto aos descendentes do gram-capitão Gonçalo Fernandes de Cordova, e a todos estes antiquissimos e respeitaveis fidalgos castelhanos, que no naufragio geral do feudalismo, e das suas legitimas consequencias, fizeram das ordens militares, e das maestranças de Ronda, de Sevilha, de Granada, de Valencia e de Saragoça, uma especie de jangada.

como a da «Meduza»! As *maestranzas* são corporações de nobres com uniforme e cruz própria, nas quaes se não entra sem provas verdadeiras ou falsas de fidalguia.

Martinez de la Rosa é maestrante de Ronda, Alcalá Galiano é maestrante de Sevilha, Narvaes é maestrante de Granada, e Roca de Togores, hoje marquez de Molins, é maestrante de Valência, que é a mais difficil nas provas. Vê-se que a opinião é tão geral, que lhe prestam homenagem os homens mais notaveis de Hespanha. Isto explica, melhor do que outros commentarios, muitos successos da historia contemporanea hespanhola.

Os estrangeiros não podem entrar nas ordens militares nem nas *maestranzas*, embora consigam provar ascendencia anti-diluviana até á criação. É de rigor descender do Adão hespanhol, e ter conservado a naturalidade. Isto acho eu bem feito. Que necessidade tem os estrangeiros de serem das ordens militares ou das *maestranzas*? Quarenta milhões de francezes, e vinte e dous milhões de italianos comem, bebem e dormem com a maior regularidade sem estas qualificações. O resto do orbe terraqueo tambem passa sem novidade.

Eu peço perdão aos meus amigos hespanhoes da liberdade com que escrevo ácerca d'estas velhas instituições, mas que querem? Eu sou portuguez, e para lá do rio Minho correm outros ares. Já tivemos provas para ser cavalleiro de Malta, provas para

entrar nas ordens militares, provas para ser familiar do Santo Officio, provas para ser sacerdote, provas para ter o fôro de fidalgo, provas para o exercicio no paço, e não sei para quantas cousas mais. Tudo isso houve em Portugal com menor rigor de que em outros reinos, mas, emfim, houve-o.

Um dia mudou o vento, e appareceu-nos a liberdade com todas as suas consequencias boas, que são muitas, e com as más, que tambem não são poucas. Aceitamol-a, e, desde que lhe dêmos licença para se estabelecer na nossa terra, não estivemos a regatear as concessões. Deixamol-a preparar o terreno á sua vontade, e a cada edificio velho que ella deitava abaixo, o instincto logico do nosso povo approvava, e ia vendo o que vinha.

Ou fosse por este amor entranhavel dos portuguezes á deducção rigorosa das consequencias que se contem nos principios, ou fosse porque sempre tivemos uma fibra republicana, pequena, mas forte, ninguem resistiu á queda da antiga organização social. Nós bem sabiamos que essas cousas não acabavam de todo, e que haviam de resurgir transformadas. Pois muito bem. Melhor é andar á moda do que vestido como no tempo dos Affonsinhos.

Ora digam-me: queriam que se nomeasse *ricohomem* um pelintra que não tem onde caia morto? Não podia ser. É melhor nomeal-o *conselheiro*, porque não está em contradicção com o titulo. Dê bons

conselhos ou dê-os maus, mas não se chame rico sem o ser, porque offende a classe.

E então havia de nomear-se cavalleiro de Malta um homem que não sabe andar a cavallo, nem é da ilha de Malta, nem está certo onde ella fica? Impossivel. Faz-se barão. Isso sim. Toda a gente sabe ser barão, e nem todos sabem ser cavalleiros.

José Pires, honrado mercieiro, tem grande influencia no bairro. Eleição em que elle metter a unha, é sua. Muitos ministros não teriam posto os pés em S. Bento sem o patrocínio da tenda do Pires. O seu a seu dono. Deve-se-lhe uma recompensa. Ora vão lá nomeal-o *Infanção!* O *Infanção* José Pires é de morrer de riso. *Alcaide mór?* Escandalisa-se elle, porque pensa que fica chefe de quadrilheiros. Nada de antigualhas. A commenda da Conceição com o fôro grande. Toda a gente sabe trazer um prato de estanho na cazaca.

Eu sei de um aguadeiro que, na serie das distincções com que lhe ennobreceram a riqueza, começou por commendador de Christo. Quando lhe dei os parabens, disse-me baixinho com um ar de riso: «*Eu já estava acostumado a trazer chapas na vestia!*» E ficou na mesma. Este aguadeiro era o escandalo dos ricaços do seu tempo, porque lhes caçoava com os titulos.

Já vêem que a liberdade é boa creatura, e que não offende o amor proprio de pessoa alguma. Destruiu algumas distincções, e creou muitas outras. Que mais



podem exigir d'ella? Não acabou com os figalhos velhos, mas universalisou a fidalguia. Lá em Portugal não ha grandes de primeira classe nem de segunda, nem condes sem grandeza. Os portuguezes nascem todos grandes do reino ou dignos de o ser.

Na nossa terra todos se julgam os primeiros. Ninguém reconhece a superioridade alheia, nem sequer na gerarchia dos cargos publicos. Nós carecemos de importar povo, e escolhel-o de paizes modestos para que com as aguas portuguezas se não faça logo fidalgo.

Mas deixemos isto, e vamos para a *Fuente Castellana*. É um grande passeio com arvores, onde das 5 ás 6 e meia passeiam os que têm carroagem, e os que a não têm. As carroagens vão por um lado em fileira, umas atraz das outras, e voltam do mesmo modo. O centro é para a familia real.

A infantaria social tem ao lado os competentes passeios, onde ás vezes a gente grauda se digna descer e dar quatro voltas, como se fosse oriunda de simples mortaes.

Era boa a companhia, mas aborreceu-me o tal passeio pela lentidão com que as carroagens são obrigadas a caminhar. Parece um enterro francez. Não gósto, apesar de que se vê ali toda a sociedade da capital, optimos trens, e pessoas muito formosas. Prefiro o movimento democratico dos *Campos Elysiós*, em que até o imperador se confunde com os outros cidadãos.

Vieram trazer-me na carroagem á porta de casa, ficando combinados para nos reunirmos amanhã a jantar em casa da marquesita. D. Julio ha de vir buscar-me ás 6 horas da tarde. Estimo que venha, porque desejo saber a fundo como elle teve a habilidade de desmanchar o casamento.

*Estatística de Madrid—Conta-se a razão que ob-
tôu a ida das ordens militares a Africa, e mos-
tra-se que as provas de nobreza são boas para a
infanteria—Vae principiar a historia da condes-
sinha de Relta.*

Madrid, 31 de março de 1861.

Acabaram as festas da semana santa. Não são aqui tão esplendidas como em Toledo ou em Sevilha. Eu quiz ir a Toledo, mas disseram-me que ja lá se não encontrava alojamento. Adoentado como estou desde que fui a Portugal, não me atrevi a sugear-me ao desconforto de dormir em trapeira sobre uma mesa, embrulhado no meu capote, como aconteceu a um americano que está nesta mesma hospedaria.

Em Madrid o concurso nas igrejas é numerosis-
simo, e as senhoras da nobreza vão ali pedir para
os pobres. Para obter maior somma de dinheiro,
avisam as pessoas do seu conhecimento do dia, hora
e igreja em que estarão pedindo, e é de rigor ir
levar a sua offerenda ou mandal-a. Estas esmolaz
forçadas quasi nunca baixam de 100 reales.

O movimento nas ruas é muito consideravel. Madrid é uma cidade materialmente pequena, porém a população é abundante, e cada anno augmenta notavelmente. Nos dias ordinarios, nas ruas centraes de Madrid ha tanta gente como nos boulevards de Pariz, ás seis e ás oito horas da noite. Nestes dias solemnes, o movimento chega a ser incommodo.

Quem viu Madrid com cento e tantas mil almas ainda n'este seculo, pasma do desenvolvimento rapido da população, que hoje é de 298,337 almas, segundo o recenseamento que se fez agora, e que ainda não foi publicado. Neste numero contam-se 288,670 pessoas estabelecidas na cidade, 6,955 que nella estão accidentalmente, 2,449 estrangeiros fixos e 266 de passagem. O sexo masculino figura nesta estatistica com 149,506 pessoas, e o femenino com 148,831, identidade numerica que se encontra raras vezes.

Se não receiasse cansar os leitores com cifras, ainda lhes diria que os solteiros sôbem a 176,238; os casados são 95,641, e os viuvos 26,458. De toda esta gente 14,864 sabem ler, mas não escrever, 150,830 aprenderam e usam ambas as cousas, 132,643 não sabem uma nem outra, e 188,517 teem profissões conhecidas, avultando consideravelmente o numero de empregados publicos, militares, homens dados á industria, estudantes, artifices, jornaleiros e criados de servir. Estes são 43,980.

Ahi lhes deixo esse resumo da estatistica official

de Madrid, que vai ser apresentada ao governo, e que ainda não é conhecida do publico. N'ella se lêem os nomes de duas senhoras, a mais velha das quaes conta cento e seis annos, e a mais nova cem. Ali estão com designação da rua onde moram, e dos numeros das casas, para que cada um possa ir verificar.

As festas da semana santa são celebradas com grande pompa pelas ordens militares, cujos cavalleiros trazem n'esses dias um peitilho branco com a cruz bordada a seda. A alguem ouvi notar que estas ordens militares só gostam de militar nas festas de igreja, nos passeios e nos bailes, e que não quizeram ir á campanha de Africa, onde desejavam que ellas fossem.

A esta observação, que repeti a um cavalleiro de Santiago com todas as precauções para o não offender, mas sem deixar de lhe dizer que o irem ali, como Santiago aos mouros, lhes teria ficado bem; respondeu-me que, sem duvida, as ordens militares quereriam ter ido á guerra de Africa, porém que só lhes cumpre sair a campo para acompanharem o rei, e que, não tendo a rainha passado a Africa, a etiqueta vedava ás ordens tomarem parte na expedição.

Eu sei o que vale a etiqueta em Hespanha, e por isso, esta resposta satisféz-me inteiramente. Já se vê que, se todos os hespanhóes fossem cavalleiros das ordens militares, não havia campanha possivel sem que a rainha fosse em pessoa commandar o exer-

cito. As provas que excluem das ordens os populares, são—quem tal havia de dizer?—um grande beneficio publico. A ellas deve a Hespanha o ter infantaria.

Em todas as visitas que fiz ás igrejas andei acompanhado por D. Julio de Lovera, e tive occasião em todos os dias anteriores de travar relações intimas com elle. É um bom rapaz, um tanto timido, muito exacto e pontual nas suas horas e negocios, e deve ser avaro. Tenho-o visto pagar differentes cousas, e apalpa tanto o dinheiro antes de o dar, que deixa ver com que saudade se sepára d'elle.

Não é, comtudo, um avarento sordido, pelo contrario, em toda a parte ondè entrámos, se ambos tinhamos que pagar alguma cousa, elle era o primeiro a pagar por si e por mim. Vê-se que a demasiada parcimonia proveio da necessidade de viver na côrte com poucos meios, e que com o tempo se converteu em costume. O chapeu e a roupa toda de D. Julio andam sempre primorosamente cuidados: mas, comquanto se não possa dizer que á força de usados são indecentes, qualquer outra pessoa já não traria ha bons seis mezes nenhuma d'essas cousas.

A lição que elle recebeu agora, causou-lhe grande sensação, e vejo que está no caminho de emendar-se. Foi uma lição severa, como a sabem dar as senhoras, e para o pobre D. Julio provação terrivel, porque viu perdido, por causa da sua reputação de avarento, o que mais desejava alcançar.

D. Julio amava sinceramente a filha da condessa de Relta. Não era só o desejo de ser rico; era também affecto. Este casamento lisongeava o seu amor proprio, vingava-o de certos sarcasmos de parentes e amigos, que são sempre os que mais benevolmente se incumbem de nos pôr pelas ruas da amargura, e dava lhe independencia completa. O coração, o amor proprio e a ambição, estavam pois interessados n'este negocio, e depois de ser contrato sabido de toda a gente, o desfazer-se era um golpe cruel para o irmão da marquezita.

Felizmente, não se desfez, ou antes, concertou-se, quando mais desarranjado parecia, e na proxima semana vão casar-se os noivos a aprazimento das duas familias, e com grande satisfação minha por ter contribuido para o desenlace d'este pequeno drama. A marquezita não se enganou, aceitando os conselhos de M.^{me} de Landstein; e convidando-me a examinar este negocio, e a dizer-lhe com franqueza a minha opinião.

Mas o leitor, que não sabe de que modo se passou esta historia, nem com que *artes diabriz*, como dizia Gil Vicente, eu pude saber a causa da recusa repentinamente apresentada pela senhorita de Relta, e persuadil-a a mudar de resolução, tem direito de exigir que eu lhe conte tudo. Bem o sei. Nem eu desejo outra cousa.

A demora em continuar esta historia não foi preguiça do autor, foi desejo de a dar completa aos

leitores. Eu podia ter feito um diario, contando as differentes peripecias d'esta intrigasita, porém, nem o caso merecia tanta minuciosidade, nem eu tinha tempo para o narrar assim.

Isto não é um romance. É uma historia muito verdadeira, cujas diversas phazes só depois do desenlace podiam ser devidamente avaliadas. Se fosse uma invenção minha, então o caso era outro; sabendo já como havia acabar, não me podia ser desconhecida a razão dos successos que eu proprio dispozera e creára. Dadas estas explicações, e affirmada, sem contradicção, a incontestavel verdade da historia que vou continuar, sigamos de novo o fio da narração.

VII

De como Deus enriquecera de varios dotes a condessinha de Relta, e o diabo não fôra menos generoso com o barão de Nassot.

Depois daquelle dia em que fui com a marquiza, com M.^{me} de Landstein e com a condessa, ao Congresso e á *Fuente Castellana*, encontrei-me repetidas vezes com estas senhoras, ora em casa de umas, ora em casa de outras, ora em *soirées*, no theatro, nos passeios e em todã a parte. Em Madrid a gente que se conhece, vê-se forçosamente todos os dias.

Com esta convivencia foi-se augmentando a intimidade entre mim e a nova sociedade, em que só fôra minha abonadora uma estrangeira, M.^{me} de Landstein, que me conhecia de Paris. A condessa de Relta tinha-me apresentado á sua filha, e eu procurava sempre aproximar-me della, e ganhar a sua

confiança. Só assim poderia chegar a descobrir as razões que obrigavam esta menina a desfazer um casamento, que fôra tanto do seu gosto.

Em conferencia com a Marquezita e com a condessa lhes aconselhára eu que não se fallasse mais em casamento, que D. Julio não se mostrasse, nem resentido, nem consolado, e que me deixasse ver se eu podia descobrir a causa fundamental desta inesperada resolução da noiva. M.^{me} Landstein approvou a minha idéa, e assim se resolveu afinal por unanimidade.

—Este arbitrio, dizia a condessa de Relta, tem o inconveniente de ser demorado. Eu receio que minha filha, por zanga e despeito, se resolva a casar com o barão. Não vê como elle lhe faz uma côrte tão assidua com o pretexto de lhe fallar do nosso Julio?

—Vejo sim, minha senhora. O barãosito é velho, mas é tolo, e sua filha, que reune muita intelligencia a uma distincção suprema, tão preocupada anda com a sua situação, que nem reparou ainda para o barão.

—O que eu temo é que ella o aceite para marido sem ter reparado nelle. Bem sabe quaes são as minhas idéas. O homem que ella escolher, tem a minha approvação.

—Não receie que sua filha proceda com tanta rapidez. Fu farei que ella repare no barão. Pobre pateta!

Ora, como a senhorita de Relta e o sr. barão de Nassot não são conhecidos dos meus compatriotas da cidade do Porto, nem das mais pessoas dos reinos de Portugal e Algarves, a quem o conhecimento desta historia possa vir a pertencer, aqui lhes peço licença para os apresentar, não segundo as regras da etiqueta, que hei por bem e me apraz derogar por esta vez sómente, mas conforme a liberdade que me concede a amisade e franqueza em que vivo com os leitores.

A senhorita de Relta não era uma belleza. As tres deusas que aceitaram a decisão de Paris não se dignariam admittil-a para competidora, e, todavia, talvez que nesse julgamento o pomo lhe viesse a pertencer. Tão superior é á formosura a graça e a distincção!

Ainda assim, não vão cuidar que é feia! A senhorita é esbelta e airosa; é magra sem exaggeração. A magreza com sobriedade está classificada como apnagio da elegancia e da flexibilidade do corpo, da qual depende a nobreza dos movimentos da mulher.

Que me perdoem as gordas. Eu não faço a apologia dos esqueletos, mas estou convencido de que, se fosse licito renunciar parte do proprio volume, não haveria senão senhoras magras. Ora, ellas são os jui- zes mais competentes em assumptos de gosto, e eu não quero senão conformar-me com o parecer de pessoas tão respeitaveis.

Os cabellos da senhorita de Relta são abundantes e negros; a tez do rosto é da côr da madre-perola, pallidez raras vezes desacompanhada de grande sensibilidade de alma e de nobres aspirações. Dizem que nestas pessoas o coração é mais vigoroso, porque nelle está concentrado o sangue, e toda a força vital. Não sei se dizem bem. Creio que sim, ou, ao menos, quero acreditar-o. Parece-me que o sentimento está escripto nessas faces de pallidez azulada. Na tez deslavadamente branca, ou nimiamente rosada, ninguem ainda pôde vêr cousa que se lêsse.

E os olhos? Ahi é que está a difficuldade. Por mais que os queira descrever, não posso dar uma idéa, mesmo imperfeita, do acerto com que os collocou ali a natureza sob uma testa larga e bem modelada, junto da nascença de um nariz perfectissimo e imperceptivelmente aquilino, e tendo por moldura umas sobranceiras espessas e longas, que augmentam o effeito optico daquelles primorosos espelhos da alma.

Os olhos da senhorita de Relta são pardos, com reflexos, ora azues, ora amarellos. Eu nunca vi outros semelhantes, nem me parece que os haja iguaes em terras onde falte a mistura de sangue germanico e arabe, de que nasceu a raça peninsular. Não são muito globosos, mas são largamente fendidos, e de uma doçura e meiguice que asseguram benevolencia a todos, e amizade a alguns, mas que, se um dia disserem *amor* a alguém, nunca mais o dirão a outrem.

Ao reparar nos olhos da senhorita de Relta, vê-se que nadam em uma especie de liquido que não é lacrimoso, e a que alguns poetas, por não acharem outra melhor, attribuem origem celeste. Dizem que Jupiter, sentindo-se desthronado pelo christianismo, resolvêra abandonar o Olympo, e que com tal precipitação se separaram então os deuses do paganismo, que se emborcaram as talhas das bebidas celestes, e choveu por tres dias e tres noites nectar e ambrosia.

Ao ruido desta revolução do Emyreo, os mortaes levantaram os olhos para o céu, e, assim como receberam na bocca ou nos olhos o liquido precioso que

D'entre aromas celestes

Baixar á terra se viu,

como tão lindamente disse, em uma anacreontica, o nosso Antonio Cyro Pinto Osorio, assim ficaram dotados de graça e formosura divinas nessas duas miúdas partes da physionomia.

A senhorita de Relta, mais feliz que as outras, recebeu, se devemos dar credito aos poetas, igual porção nos olhos e na bocca, Assim esta, que não é breve, não cede em encantos a nenhuma outra feição. Ha umas rosas do Japão muito dobradas, cujas folhas como que se enlaçam caprichosamente umas com as outras, e com tão formosa disposição se enrugam e confrangem, que o todo parece sor-

rir a quem o contempla. Eu já vi uma donzella beijar uma destas rosas, e retirar della os beijos, cõrando, como se o beijo lhe tivesse voltado aos labios em amoroso recochete. A bocca da filha da condessa de Relta fez-me lembrar das taes rosas. Tão caprichosa e amavelmente se concentram e dilatam aquelles beijos, que a natureza rasgou largamente para lhes dar maior expressão, e tambem para deixar vêr duas ordens de dentes de maravilhosa regularidade!

Lord Byron teria adivinhado a alta qualidade desta menina, só de lhe vêr a mão aristocratica, de que uma das mais sabedoras ciganas de Sevilha não pôde decifrar as linhas em predicções sinistras ou prazenteiras. Vencida de tanta formosura, esqueceu a sciencia do futuro, e ficou por largo tempo a beijar as mãos da senhorita de Relta.

Intelligencia elevada, educação cuidadosa recebida no *Sacré Cœur* de Pariz, grande dignidade de porte sem nenhuma altivez, graça e elegancia de maneiras sem a mais leve affectação, e animo deliberado em todos os assumptos da sua competencia, completam as perfeições da herdeira do nome e da immensa riqueza dos condes de Relta e de Rembrano, duques de Lialva e de Curteda, marqueses de Burgaleca, de Montes de Oiredo e de Alarid, viscondes de Piedra Roja e de Ambanares, senhores de los Valles de Aragão, e sete vezes grandes de Hespanha de primeira classe.

Agora a photographia do barãosito, como se lhe chama em Madrid.

O barão de Nassot é natural da Catalunha, tem vinte e nove ou trinta annos, mas parece muito mais moço. É de estatura menos que mediana, e, apesar de andar sempre impertigadissimo, não consegue elevar-se á altura das pessoas a que se aproxima. Dizem que nos dotes moraes lhe acontece outro tanto.

Veste com o esmero de filho de alfaiate, mas a elegancia do homem de boa sociedade é-lhe desconhecida. Tem maneiras ajustadas como a roupa que traz no corpo, mas tambem como ella, carecem de graça e de nobreza. O corpo é hirtó como o de um defunto. A mão, mimosa da falta de trabalho, tem irregularidades hereditarias que revelam o officio dos seus antepassados. No tacto parece de pau.

A côr do cabello não é loura nem castanha, e semelhante, ora uma, ora outra. A tez é rosada por igual. A face, as orelhas, o pescoço são da mesma côr. O celebre Casenave veria latente sob aquella cutis rosada o germen da lepra ou da elephantiasis, que nos parece, a nós profanos, viço de mocidade. Nos olhos, pequenos e atrevidos, brilha o typo israelita da ambição das riquezas, que tambem se manifesta na tendencia concentrica de todos os gestos, symptoma infallivel que o proverbio designou com a phrase: «Coçar-se para dentro.»

O nariz é pequeno, mas descarnado, a boca bre-

vissima e quasi desprovida de beijos. Dir-se-hia que os olhos, o nariz e a boca fórnam uma trilogia de qualidades judaicas: a ambição, a dureza de caracter e a deslealdade. Seria homem para muito com estes dotes infernaes, se a testa, estreita e mal conformada, não indicasse a espessura da toleima que os cobre e domina.

Tem uma leve idéa dos conhecimentos humanos, mas sem a cautelosa prudencia com que evita patentear a sua opinião, teria enriquecido o catálogo das tolices d'este mundo com numerosas addições. Dizem que é rico, mas não se sabe até que ponto seja verdadeiro este boato.

O pae do barão era asturiano. Foi para Barcelona em pequeno para empregar-se no commercio. D'ali passou ao Mexico, onde se enriqueceu; voltando á Europa, conseguiu fazer conhecimento e travar amizade com Mendizabal e com outros financeiros. Entrou em todos os contratos e companhias de Hespanha. Empobreceu dez vezes e dez vezes tornou a ser rico. Comprou na Catalunha a propriedade de Nassot, de que o fizeram barão, e morreu deixando uma casa de banqueiro bastante acreditada, de cuja solidez muita gente duvida.

Os seus dois filhos foram caixeiros no Mexico, e ainda lá ficaram quando o pae regressou á Europa. Depois que o fizeram barão, mandou-os buscar e empregou-os ambos na secretaria dos negocios estrangeiros, d'onde por vezes saíram para empregos

diplomaticos. A casa de banco continuou sob a firma de um socio que procuraram para retirar do commercio o nome paterno, destinado hoje a todas as grandezas possiveis.

O barão vive em Madrid, e tem entrada nas principaes casas da capital. D. Anselmo de Nassot, seu irmão, era addido no Brasil, e conseguiu casar-se com uma senhora d'aquelle imperio, já avelhada, porém mui rica. Ali reside.

O joven herdeiro do barão de Nassot aspira a tudo, desde ministro até duque e grande de Hespanha de primeira classe. Crê com verdadeira fé no futuro da burguezia, na sua propria riqueza, na sua formosura, no encanto da sua elegancia, e nas graças da sua conversação timidamente fluente. Só não acredita na antiguidade da sua nobreza, nem no valor do seu titulo, e essa descrença magoa-o, entristece-o, humilha-o e abre-lhe o coração a todas as invejas. D'ahi lhe vem o mau sestro de querer edificar um pedestal á custa alheia, depreciando quantos conhece, e segredando maledicencias e calumnias a respeito de toda a gente.

A sociedade conhece-o mal. A natural reserva das suas fallas, e a sagacidade judaica com que sabe aggridir os outros na ausencia, muito em segredo e como que lastimando-os, engana o maior numero. A condessa de Relta, que, como ella me disse no Congresso, exige provas para conceder a sua confiança, como se fosse o habito de Calatrava, adivi-

nhou logo a natureza do reptil. Eu tive a mesma fortuna.

Ha feições especiaes que não faltam nesta especie de gente. São a submissão servil para com os poderosos, a insolencia para com os pequenos, e as jactancias vaidosas para como os eguaes. Tinha o barão todas estas qualidades. Era um mancebo perfeito.

Já o leitor conhece estes dois personagens de tão differente natureza e sexo. Agora vai vê-los em scena no exercicio e emprego das suas virtudes, defeitos e paixões.

XIV

Conta-se o que por entre mentiras e verdades se póde observar na Armeria Real de Madrid — Explica-se a avareza de D. Juho, e conversa-se a respeito do segredo da condessinha de Relta.

Madrid, 1 de abril de 1861.

Desde que cheguei aqui, vou quasi todos os dias, entre as duas e as tres horas, ver a marquezita ou a condessa de Relta; depois encontramos no passeio, e na volta vou jantar, ora á casa d'esta, ora á casa d'aquella, quando não tenho convites de outras pessoas, de modo que vivo como um verdadeiro parasita. Se assim continuasse e me estabelecesse em Madrid, a casa mais fresca da minha habitação seria, de certo, a cozinha, como dizia, certo personagem de um livro, de cujo titulo me não lembro.

Em uma d'estas visitas á senhorita de Lovera, disse-me ella, que a condessa dava um jantar de grande cerimonia no dia seguinte a seu tio, o velho conde de Villa-fria, e que não me convidára, como